

Menino de 6 anos com hidrocefalia morre de meningite bacteriana: "Ele tomou todas as vacinas"

"Foi muito rápido", lamenta a mãe, Rose Nunes Pereira, da Bahia. Entenda porque crianças com hidrocefalia podem ter maior predisposição à doença

3 min de leitura

• **SABRINA ONGARATTO, DO HOME OFFICE**

13 OUT 2020 - 14H52 ATUALIZADO EM 13 OUT 2020 - 14H52



Rose e Roberto com o filho, João Luiz (Foto: Arquivo pessoal)

A história de luta do pequeno João Luiz começou cedo. "Ele **foi adotado** assim que nasceu. No início, não foi fácil. Foram dois anos no hospital. Ele fez oito cirurgias, passou por uma **pneumonia** e até **meningite viral**, mas superou tudo", conta a mãe, Rose Nunes Pereira, de Salvador, na Bahia. "Por causa desse tempo hospitalizado, ele aprendeu tudo mais tarde, mas no tempo dele. Começou a andar com 3 anos, mas, aos 6, já sabia as letras e os números. Falava muito, brincava bastante e era muito alegre", completou. João Luiz tinha hidrocefalia congênita e, infelizmente, perdeu sua batalha para uma **meningite bacteriana** há menos de um mês.

SAIBA MAIS

Em entrevista à CRESCER, Rose e o marido, Roberto, contam que foi "tudo muito rápido". "Para a gente, foi a maior surpresa negativa", desabafa o pai. "Pela manhã, ele começou a ter diarreia. Depois, ele, que estava sempre com a maior energia, ficou mole, suando frio, querendo dormir... Deitou no meu colo e ficou quietinho. Até que, mais tarde, começou a vomitar. Levamos ele para o hospital e lá, passou a convulsionar. No dia seguinte, ele foi entubado e fez o exame que já acusou uma bactéria, uma infecção na válvula. E aí foi rápido... Ele passou por uma cirurgia para a troca da válvula e deu tudo certo. Ficamos aliviados, mas, quando foram tirar a sedação, ele não voltou mais, não reagiu", lamenta Roberto.

A mãe lembra dos últimos momentos do filho ainda com vida. "Antes da cirurgia, ele abriu os olhos, apertou minha mão, parecia que queria voltar. Até pedi para tirar o tubo para ele conversar comigo, mas explicaram que não era possível", disse Rose. "O médico disse que foi meningite, mas ainda não sabemos qual é a bactéria que foi para a válvula e inchou o cérebro, ocasionando morte cerebral. Ele era a minha alegria. Estamos acabados", desabafou.

+ Bebê é diagnosticado com doença rara, que faz seu crânio crescer de forma irregular

Segundo o casal, o filho estava bem nos últimos quatro anos. "Nunca mais precisou trocar a válvula. Estava forte, alto... Nunca imaginaríamos que isso iria acontecer. Era um menino querido

demais! Está sendo uma dor tão grande", disse Roberto. "Tudo na minha casa está igualzinho: o quarto dele, as fotos... Assisto muito aos vídeos dele e choro com saudade. São muitas recordações. Meu filho foi um anjo, só passava amor carinho para todos", lamentou Rose. "Ele tomou todas vacinas, inclusive contra a meningite B, na rede particular. Fiz questão de dar todas. Mas ele morreu dia 18 de setembro, um dia antes de completar 7 anos", finalizou.



João morreu um dia antes de completas 7 anos (Foto: Arquivo pessoal)

PALAVRA DE ESPECIALISTA

A hidrocefalia é o aumento de líquido cefalorraquidiano no cérebro. "O diagnóstico costuma ser feito entre a 14^a e 16^a semana de gestação, por meio de um **ultrassom simples, de rotina**. Aspectos do crânio e cerebelo também dão sinais de alterações. Isso acontece, geralmente, na terceira semana de gestação. A mulher nem sabe que está grávida, mas o problema já está lá", explica

o neurocirurgião pediátrico Sérgio Cavalheiro, do Hospital e Maternidade Santa Joana (SP). "A hidrocefalia destrói o tecido cerebral e leva a alterações de inteligência e morticidade", completa.

Nesse caso, é possível fazer uma **cirurgia com a criança ainda na barriga da mãe para minimizar as sequelas**. Caso contrário, após o nascimento, é importante corrigir o fluxo com válvulas, isto é, tubos flexíveis colocados no cérebro para regular e redirecionar a quantidade e pressão de líquido para outra parte do corpo, onde possa ser absorvido. Segundo o pediatra Renato Kfoury, vice-presidente do Departamento de Imunizações da Sociedade de Pediatria de São Paulo (SPSP), crianças com patologias, como fístula — uma espécie de conexão anormal entre os órgãos —, implante auditivo ou válvula, como foi o caso de João Luiz, que fazem "comunicação" com o meio externo, possuem uma maior predisposição à microorganismos que contaminam o sistema nervoso. "Aumenta o risco, pois você tem um corpo estranho fazendo comunicação com o sistema nervoso central. Isso pode permitir que, eventualmente, algumas bactérias se proliferem e contaminem. Infelizmente, em alguns casos, pode ser grave. Então, essas pessoas têm um risco aumentado, não somente à meningites, mas a outras bactérias", esclarece.

O especialista lembra ainda que as vacinas aumentam a proteção, mas não impedem completamente que uma pessoa contraia uma infecção. "As vacinas não são 100% eficazes. Pode, sim, haver falhas, infelizmente", disse. Não há um calendário de vacinação "diferente" para crianças, por exemplo, com hidrocefalia, mesmo assim, a recomendação é **manter a vacinação em dia**.